

# MEDIAÇÕES CULTURAIS INCLUSIVAS FRENTE AO BULLYING<sup>1</sup>

## INCLUSIVE CULTURAL MEDIATIONS ON BULLYING

Erika Souza Leme<sup>2</sup>

Felipe Fernandes Ribeiro<sup>3</sup>

Millena Cristina Areas<sup>4</sup>

Rebecca Nunes Jacinto de Araújo<sup>5</sup>

Paula Joana Souza de Cerqueira<sup>6</sup>

**Resumo:** *O presente artigo é resultado das narrativas tecidas coletivamente em torno das Mediações Culturais Inclusivas realizadas no Colégio Universitário Geraldo Reis – COLUNI, com as turmas de Ensino Fundamental II, sob a égide do Projeto de Extensão – PROEX “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. Apoiados pela Teoria Crítica da Sociedade, a proposta visa impulsionar reflexões e movimentos de resistência às manifestações de bullying, preconceito e exclusão no âmbito escolar, por via das experiências estéticas suscitadas pelas mediações culturais inclusivas. Assim, neste trabalho trazemos a descrição e a análise, bem como nossos desafios e aprendizados gerados pelas três mediações culturais inclusivas desenvolvidas, a saber: Quem somos?, Os noticiários e a nossa vida e Bullying e preconceito – o que eu penso sobre isso?. Como resultado, destaca-se a potência da formação pelo encontro entre os estudantes da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – FEUFF com os alunos do Colégio Universitário Geraldo Reis – COLUNI, essa relação alteritária culminou na reflexão sistemática, apoiada nos registros, diálogos e estudos, bem como em um aprendizado mútuo acerca do enfrentamento da violência, imbuídos no compromisso de desvendar as mazelas sociais que aquiescem as manifestações de preconceito, bullying e exclusão das diferenças.*

**Palavras-chave:** *Educação Inclusiva. Experiência. Violência Escolar. Bullying.*

1 Este texto é produto do Projeto de Extensão - PROEX, “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. Vinculado à pesquisa CNPq “Violência Escolar: discriminação, bullying e responsabilidade”, sob coordenação do prof. Dr. José Leon Crochick.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense - PPGE/UFF. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense - FEUFF/Niterói. Coordenadora do Projeto de Extensão - PROEX- “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8088-6002>. E-mail: [erika.leme10@gmail.com](mailto:erika.leme10@gmail.com)

3 Doutorando em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro na linha de Literatura Brasileira Contemporânea. Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense - FEUFF. Bolsista PROEX do Projeto de Extensão - “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3687-8125>. E-mail: [lipenanri@gmail.com](mailto:lipenanri@gmail.com)

4 Acadêmica do 8º período de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense - FEUFF/Niterói. Bolsista do Projeto de Extensão - PROEX, Formação Cultural e Educação Inclusiva: ampliando horizontes e diminuindo barreiras. Membro do grupo de Estudos Linguagem, Educação, Docência e Diversidade - GELEDD. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3445-0352>. E-mail: [millenaareas@id.uff.br](mailto:millenaareas@id.uff.br)

5 Acadêmica do 10º período de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense - FEUFF/Niterói. Voluntária do Projeto de Extensão PROEX - “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3324-9975>. E-mail: [rebecca.nunes182@hotmail.com](mailto:rebecca.nunes182@hotmail.com)

6 Graduada em Jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso - Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense - FEUFF/Niterói. Voluntária do Projeto de Extensão PROEX - “Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos”. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3841-5194>. E-mail: [paulajsc@gmail.com](mailto:paulajsc@gmail.com)

**Abstract:** *This article is the result of the narratives collectively woven around the Inclusive Cultural Mediations held at the Colégio Universitário Geraldo Reis - COLUNI, with classes of Elementary School II, under the support of the Extension Project - PROEX "Observatory of Education: violence, inclusion and human rights". Supported by the Critical Theory of Society, the proposal aims to stimulate reflections and movements of resistance to the manifestations of bullying, prejudice and exclusion within the school, through the aesthetic experiences raised by inclusive cultural mediations. Thus, in this paper we bring the description and analysis, as well as our challenges and learnings raised by the three experienced mediations, namely: Who Are We?, The news and our lives and Bullying - what do I think about it?. As a result, it stands out the power of formation through the meeting between the students of the Faculty of Fluminense Federal University (FEUFF) with the students of the Geraldo Reis University College - COLUNI, this altering relationship culminated in systematic reflection, supported by the records, dialogues and studies, as well as a mutual learning about the confrontation of violence, imbued with the commitment of unveil the social ills that acquiesce in the manifestations of prejudice, bullying and exclusion of differences.*

**Keywords:** *Inclusive Education. Experiences. School Violence. Bullying.*

## Introdução

A tese de Adorno (2010, p. 119) “[...] a exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”, continua na contemporaneidade sem ter sido resolvida. Diante disso, é preciso admitir que a barbárie é a própria condição de existência da sociedade capitalista e, como consequência, convivemos com a banalização da violência.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a luta contra a violência não deve estar restrita à problematização das condições materiais e objetivas. Mas, também envolver as condições subjetivas que são formadas à luz da dimensão cultural que se manifestam sob as bases de um modelo político-estético alicerçado na exclusão, nas injustiças sociais e na indiferença, características da sociedade capitalista. Dessa forma, os referidos autores admitem a necessidade de se refletir acerca da violência contida no próprio processo civilizatório, de modo que:

As grandes leis do movimento social não regem por cima das cabeças dos indivíduos, realizando-se sempre por intermédio dos próprios indivíduos e de suas ações. A investigação sobre o preconceito tende a reconhecer a participação do movimento psicológico nesse processo dinâmico em que operam a sociedade e o indivíduo (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p. 173-174).

Frente ao que está posto, defendemos a formação que desenvolva os liames entre a Formação Cultural e a Educação Inclusiva, que constituem um importante antídoto de resistência aos limites sociais, na medida em que vão de encontro à lógica do mundo administrado, pautado no imediatismo e no consequente enfraquecimento da subjetividade, empobrecendo assim as experiências e as relações humanas. Tal como afirma Adorno (1995), a barbárie é o contrário da formação cultural e “a desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades” (ADORNO, 2010, p. 117).

É preciso ressignificar as ações desenvolvidas na escola, transformando-as em experiências, como defendido por Larrosa (2011, p.5), “a experiência é isso que me passa”. Para que algo ‘me passe’ é preciso que me desestabilize, desestruture, me vire do avesso. Evidentemente, não vivemos experiências diariamente, isso porque na sociedade da racionalidade técnica, o que prevalece é a linguagem técnica, utilitária, funcional. Daí a importância de se frisar a diferença entre experiência e experimento nas palavras de Larrosa (2011, p.24):

A ciência captura a experiência e a constrói, a elabora e a expõe segundo seu ponto de vista, desde um ponto de vista objetivo, com pretensões de universalidade. Mas com isso

elimina o que a experiência tem de experiência e que é, precisamente, a impossibilidade de objetivação e a impossibilidade de universalização. A experiência é sempre de alguém, subjetiva, é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a vida mesma. A experiência tem algo da opacidade, da obscuridade e da confusão da vida, algo da desordem e da indecisão da vida. Por isso, na ciência tampouco há lugar para a experiência, por isso a ciência também, menospreza a experiência, por isso a linguagem da ciência tampouco pode ser a linguagem da experiência.

As ciências progridem, mas o ser humano não, daí a preocupação de Adorno & Horkheimer (1985, p.11) em “descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”. Uma vez que para Adorno & Horkheimer (1985), a sociedade contemporânea vive em um mundo sem sentido, que produz a desumanização.

Na civilização dos nossos dias, não é casual a banalização da violência. Diante disso, a própria lógica social precisa ser contestada e mudada, em face da educação típica da sociedade administrada, que impõe aos homens um modelo de ser e agir visando à sua manutenção e, portanto, impondo um padrão autoritário de cultura.

Também não é por acaso que a escola, a despeito de seu caráter contraditório e dos limites do seu processo formativo, pode se constituir como um espaço de enfrentamento à barbárie, qual seja, aquele “impulso de destruição” da civilização. Do reconhecimento da necessidade desse enfrentamento Adorno (2010, p.116-117) reafirma a potência da escola:

Mas não se deve esquecer que a chave da transformação decisiva reside na sociedade e em sua relação com a escola. Contudo, neste plano, a escola não é apenas objeto. [...] Enquanto a sociedade gerar barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante.

Tendo em vista a possibilidade de combater a violência, o *Bullying* e o preconceito, faz-se necessária a compreensão da influência da ideologia da racionalidade técnica sobre os mecanismos determinantes nas relações humanas contemporâneas, marcadas pela competitividade, pelo individualismo e, por que não, pela própria desumanização.

O *bullying* parece ser uma forma de violência mais indiferenciada do que a presente no preconceito mais arraigado, que tem alvos definidos e justificativa para sua existência, e corresponder a uma maior fragilidade do indivíduo que o pratica; nesse sentido, o preconceito menos delineado pode ser a atitude que pode levar à ação do *bullying*; esse também parece expressar melhor uma cultura homogênea, que, pela (falsa) formação, constitui indivíduos frios, insensíveis e com dificuldades de formular seus desejos e os reconhecer, o que pode direcioná-los a uma forma de violência difusa, ao contrário do preconceito que se fixa em necessidades mais bem delimitadas (CROCHÍK, 2015, p. 54).

A análise acerca do *Bullying* e do preconceito, na perspectiva frankfurtiana, expressa a relação dos elementos culturais, que forjam cotidianamente uma sociedade propensa à barbárie e de indivíduos identificados com o preconceito, inaptos à experiência e à autorreflexão.

Diante do exposto, este texto tem como propósito narrar as experiências das Mediações Culturais Inclusivas realizadas nas turmas da Ensino Fundamental II, ou seja, do 6º ao 9º anos, do Colégio Universitário Geraldo Reis - COLUNI, da Universidade Federal Fluminense (UFF) realizadas pelos estudantes do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense - FEUFF, que participam do Projeto de Extensão - PROEX, **Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos**”.

Promover a humanização: este é o principal objetivo do trabalho desenvolvido pelo projeto de extensão- PROEX - **Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos**. A partir da formação voltada à subjetivação, como defendido por Costa, Leme e Guedes (2017, p. 216), admite-se “a possibilida-

de de se considerar as experiências vividas nas situações mais particulares da vida.” Com isso, abre-se um importante canal de comunicação entre os alunos do COLUNI e os estudantes da Faculdade de Educação (FEUFF), na tentativa de promover maior aproximação e intercâmbio de experiências formativas.

Nessa discussão, destaca-se a marca alteritária e formativa do projeto de extensão, que por meio de mediações culturais inclusivas tende a provocar o enfrentamento e rupturas da reprodução de estereótipos e preconceitos, como afirmam Costa, Leme e Guedes (2017, p. 216):

A possibilidade está na experiência do contato poder reconstituir a esperança do passado de alinhar o pensamento com a experiência. De modo que se possibilite a compreensão da vida como ela está posta para que se torne possível fazê-la diferente.

Nesse sentido, as experiências das mediações culturais inclusivas têm como propósito provocar o ‘giro para o sujeito’, tal como defendido por Adorno (1995, p.106), que diz respeito ao desenvolvimento da autorreflexão crítica. Tal giro é possível pela via da formação cultural (*Bildung*), tendo em vista sua potência de engendrar processos de rupturas ao que está posto, e, desta forma, propiciar a elaboração de sentimentos, percepções e ações, bem como provocar o olhar que vê, a escuta do e com o outro e o sentir na dimensão de ser afetado (LARROSA, 2002). Isso porque, o lugar da experiência “é em mim (ou em minhas palavras, ou em minhas ideias, ou em minhas representações, ou em meus sentimentos, ou em meus projetos, ou em minhas intenções, ou em meu saber, ou em meu poder, ou em minha vontade” (LARROSA, 2011, p. 6).

Sublinha-se, ainda, que tais mediações culturais inclusivas se apresentam como processo formativo para ambas as instituições, pois tanto os alunos do COLUNI quanto os estudantes da FEUFF são afetados pelas mediações culturais inclusivas, qualificando a parceria que foi institucionalizada por meio deste projeto de extensão.

## Metodologia

Consubstanciados pela Teoria Crítica da Sociedade, em um processo coletivo, colaborativo e teórico-crítico que oportuniza o diálogo e o cotejo com o referencial, desenvolvemos as mediações culturais inclusivas, que têm como propósito alargar as experiências culturais necessárias para a formação de subjetividades conscientes das configurações sociais.

Neste processo, os membros executores do projeto de extensão estão sempre cooperando entre si e alinhando propostas de mediações, o que impulsiona uma construção de saberes e práticas comprometidos com o desenvolvimento de experiências formativas.

Desse movimento, vale a pena destacar alguns aspectos que demonstram a construção do caminho. Fomos nos organizando passo a passo, primeiramente com encontros para estudos e discussões acerca dos sentidos da experiência formativa, ou seja, admitir e reconhecer que se trata de um processo alteritário, no qual os desafios vêm à tona, tais como: Como conquistar a confiança e a participação dos estudantes no projeto de extensão? Como mexer com sentimentos e emoções sem ultrapassarmos os limites? Quem são esses alunos? Quais são suas demandas?. Apesar das dúvidas e inquietações, estávamos certos de que precisávamos ir com calma para não criarmos um abismo entre nós e aqueles alunos. Assim, os encontros se alternaram entre o grupo de estudos e as idas à escola. Nesta dinâmica, nossa prioridade foi a de criar um ambiente acolhedor e sensível, que fizesse com que os alunos se sentissem à vontade e se identificassem conosco.

Diante disso, decidimos que o primeiro passo seria conhecermos aqueles adolescentes e essa estratégia culminou em nossa primeira mediação: *Quem somos?* na qual aplicamos um questionário-carta. O segundo encontro aconteceu concomitantemente ao movimento de resistência diante da atual política educacional, que iniciou o “contingenciamento” de verba da educação pública; nesse sentido, entendemos ser oportuno mobilizar reflexões por meio da mediação sobre reportagens acerca da exclusão, violência, *bullying* e preconceito, a qual denominamos de *Os noticiários e a nossa vida!* os resultados foram

muito encorajadores, nos impulsionando a lidar com a temática do *Bullying* de modo mais direto, quando desenvolvemos a mediação denominada, *Bullying e Preconceito – o que eu penso sobre isso?*.

## Em foco: as mediações culturais inclusivas

Quem somos?

Após uma seção de relaxamento para “quebrar o gelo”, realizamos a apresentação do projeto por meio de um bate-papo e, em seguida, apresentamos o questionário-carta, composto pelas seguintes perguntas:

O que você gostaria de mudar em si mesmo(a)? Por quê?

Quem é a pessoa pela qual você tem mais admiração. E por quê?

O que você mais gosta de fazer na sua escola? Nos conte o motivo.

O que você mudaria na sua escola? Por quê?

Em relação aos dados obtidos por meio dos 97 questionários-carta, apresentamos sua organização por meio de gráficos, cujas categorias foram estabelecidas *a posteriori*, ou seja, foram definidas após a leitura das respostas dadas pelos alunos.

Os gráficos 1, 2, 3 e 4 expressam respectivamente as turmas do 6º, 7º, 8º e 9º anos, no que tange às respostas à pergunta: *O que você gostaria de mudar em si mesmo(a)? Por quê?*.

Gráfico 1



Gráfico 2



**Fonte:** elaboração dos autores a partir da análise de questionário avaliativo aplicado.

Os gráficos acima revelam conflitos e tensões acerca das padrões culturais estabelecidos. Nesse sentido, ficou evidente que o que mais aflige a turma do 6º ano diz respeito à aparência, expressa na categoria: *físico*. Esse dado nos instiga em muitos questionamentos, tais como: Será que a indústria cultural, com seu padrão de beleza, impõe contundentemente o sonho pelo corpo ideal? Ou será que essa categoria diz respeito à relação de forças explícita no *Bullying*? Como explica Crochik (2015, p.40), “o *bullying* revela uma prática de poder sobre quem supostamente não pode reagir, tal prática revela a necessidade de poder sobre o mais frágil”. Diante de tais questionamentos, trouxemos à tona algumas das respostas dos alunos:

“Ser mais alto e mais inteligente, para melhorar nos estudos”.

“Ficar grande. Eu acho que sou muito baixo”.

“O meu olho. Porque eu queria ter olho claro”.

“Minha aparência. Porque sou feio”.

“Eu gostaria de mudar o meu rosto. Porque tem muitas espinhas”.

“Eu mudaria meu corpo, porque eu odeio me ver no espelho e me ver gorda”.

Como podemos perceber estamos lidando com os fenômenos que se relacionam, devido à construção sócio-histórica forjada pela indústria cultural que reduz as relações em modelos dicotômicos: Feio x Belo; Força x Fraqueza. Isso porque, a indústria cultural “procura dar a tudo um ar de homogeneidade, embora, a semelhança perfeita é a diferença absoluta. [...] A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 136).

Contraopondo-se à essa tendência, a turma do 7º ano surpreendeu pela quantidade de alunos que não mudariam nada. Entretanto, o olhar mais atento sobre as respostas nos permite relacionar esse grupo com as mesmas tensões explicitadas pelo 6º ano. Só que de maneira inversa, isto é, a maioria dos alunos, desta turma, está “tranquila”, pois se identifica com os padrões estabelecidos socialmente.

“Não. Porque eu gosto de mim, assim do jeito que sou.”  
 “Não mudaria nada em mim, porque gosto do jeito que sou”.  
 “Nada. Estou contente com a minha aparência”.  
 “Nada. Porque me acho legal e gentil”.  
 “Eu não mudaria nada. Porque sou perfeita”.

De certo modo, podemos aventar a hipótese de que essa turma apresenta uma visão estereotipada do mundo e, portanto, pouca consciência crítica. Esta constatação remete-nos ao pensamento de Crochík (2011, p. 14), “O estereótipo do homem adulto, forte, empreendedor, independente, funciona como padrão de ideal social”. Embora hostil, a problemática apresentada não ganha um tom fatalístico, pelo contrário, para os frankfurtianos é preciso desvelar as contradições sociais para que o “real” seja tensionado e que se torne possível pensar o inteiramente outro, “Dentro do presente estado de coisas, hoje ou amanhã podem surgir situações que, provavelmente, venham a ser catastróficas, mas também podem restaurar a possibilidade de uma ação prática hoje obstruída (ADORNO *apud* WIGGERSHAUS, 2002, p. 566).

Já em relação às turmas do 8º e 9º, a categoria que salta aos olhos é a da *personalidade*.

Gráfico 3



Gráfico 4



**Fonte:** elaboração dos autores a partir da análise de questionário avaliativo aplicado.

Para que possamos compreender melhor os gráficos trouxemos à tona o teor de algumas narrativas:

“Eu gostaria de mudar esse meu jeito de guardar tudo para mim, porque quando eu falo dos meus problemas eu fico muito triste”.  
 “Um pouco da minha personalidade, porque eu sou muito orgulhosa e muito frágil ao mesmo tempo, eu não gosto disso”.  
 “Eu gostaria de ser um pouco mais simpática com as pessoas”.  
 “Meu jeito de sempre de ‘estar com’ as pessoas, mesmo elas não se importando comigo, porque me sinto triste quando percebo isso”.  
 “Eu gostaria de mudar a minha timidez e a vergonha, porque sou muito tímida para falar com algumas pessoas e tenho vergonha de fazer algumas coisas”.

Em linhas gerais, essas narrativas expressam a angústia e o desencantamento desses alunos com o mundo que os cerca. Tal constatação tem relação direta com a sociedade administrada, cuja lógica social é definida pela racionalidade instrumental, que suprime a existência de subjetividades genuínas. Como consequência somos forjados à indiferenciação, à padronização, à indiferença, ao imediatismo e à superficialidade das relações de cada qual consigo mesmo.

Justiça, felicidade e amizade são conceitos que gozam ainda de prestígio nesta sociedade, daí a urgência de se “Desacostumar as pessoas de se darem cotoveladas. Cotoveladas constituem sem dúvida uma expressão da barbárie” (ADORNO, 2010, p. 162). Para a desbarbarização, Adorno destaca a necessidade de desenvolver a identificação com o outro e, para isso, os estudantes deveriam ser educados com amor, ou seja, afeto espontâneo. Entretanto, esse sentimento foi obstado na sociedade que lança mão da frieza, por ser um componente importante de sobrevivência na atualidade:

Se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito (ADORNO, 2010, p. 134).

Esta busca pelo afeto genuíno pôde ser visualizada no gráfico 5, que representa as narrativas dos estudantes em relação à pergunta: *Quem é a pessoa pela qual você tem mais admiração. E por quê?*

**Gráfico 5**



\*considerando respostas como mãe e pai, avô, avó, irmãos, primos, tios.  
\*\*considerando professores do COLUNI, funcionários, profissionais de alguma área específica.

**Fonte:** elaboração dos autores a partir da análise de questionário avaliativo aplicado.

Podemos supor que a figura da mãe representa o enfrentamento ao embrutecimento da vida. Indo de encontro ao enrijecimento nas formas de trato e à crescente objetividade nas relações humanas.

No que diz respeito à pergunta, “O que você mais gosta de fazer na sua escola? Nos conte o motivo”, a prática de esporte sobressaiu de forma contundente. Entretanto, a segunda resposta mais percebida foi que os alunos gostam de estar uns com os outros para conversar, socializar, pois se sentem “mais felizes ao lado dos amigos” (aluno do COLUNI).

## Os noticiários e a nossa vida:

Em Maio de 2019 participamos do evento “UFF nas Praças”, iniciativa da Universidade Federal Fluminense - UFF, em parceria com a Prefeitura de Niterói, que visou à socialização das ações extensionistas. Nesta ocasião, realizamos a mediação cultural inclusiva intitulada, “*Varal da Inclusão*”, na qual reunimos manchetes jornalísticas relacionadas ao *bullying*, o preconceito e a violência em suas diversas manifestações. Os resultados foram muitos expressivos, pois pudemos provocar narrativas de crianças, jovens e adultos com longos anos de vida.

Diante da magnitude desta experiência, decidimos replicá-la no COLUNI. Observamos que a maior parte dos alunos selecionou manchetes alusivas ao *Bullying* e às questões de gênero, assuntos que remetem às suas próprias trajetórias escolares, envolvendo situações de exclusão, preconceito e invisibilização. Outros demonstraram resistência em expor seus pontos de vista. Acolhidos em uma roda de conversa, grande parte dos estudantes se sentiram encorajados a expor suas indagações, questionamentos, medos e anseios. Isso porque, “a roda é o momento privilegiado da rotina em que a troca entre os participantes do grupo ocorre. Sentar-se de forma que todos se vejam, em círculo, já é um convite a querer falar e ouvir. O respeito pela individualidade é a base da construção do grupo” (WARSCHAUER, 1993, p. 50).

A par do olhar dos adolescentes, instigamos a elaboração de um acróstico com palavras de enfrentamento ao *Bullying* partindo da palavra **preconceito**. Proposta alicerçada no pensamento de Larrosa (2002, p. 22), o qual opera “a partir da convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”. Diante disso, o objetivo foi de desconstruir a imagem da violência, por vezes, naturalizada no seio escolar, tendo em vista que “a escola é uma das instituições que tem como objetivo desenvolver a civilidade em seus alunos, a possibilidade de os homens conviverem e discutirem suas divergências de forma pacífica” (CROCHICK, 2017, p. 17).

Partindo desses pressupostos, observamos a recorrência de algumas palavras utilizadas pelos estudantes, a saber: **paz, respeito, amor, empatia, comunidade, tolerância, educação**. Tais palavras ocuparam um lugar de encantamento, mostrando-nos que os ouvidos atentos ao outro podem ser uma poderosa ferramenta de entendimento, mas, acima de tudo, de mediação de conflitos.

Vale destacar que neste dia, uma das turmas ainda se apresentava reativa e de certa forma desconfiada da nossa presença. Se a experiência “é isso que me passa” (LARROSA, 2011, p.5), tínhamos a compreensão da urgência de tocar esse grupo, foi quando, em uma iniciativa ousada, propusemos um abraço coletivo. Naquele momento, pudemos sentir que nos afetamos! Assim, os encontros na escola vão se constituindo como experiências formativas, na medida em que nos identificamos com as diferentes situações, nas quais nos defrontamos na vida.

## **Bullying e preconceito - o que eu penso sobre isso?**

Tomando como premissa o pensamento de Adorno (2005, p. 388), “A formação não é outra coisa do que a cultura pelo lado de sua apropriação subjetiva”, nos lançamos ao desafio de propor uma mediação cultural inclusiva que dissesse respeito à relação dos alunos consigo mesmos e com o meio no qual se situam.

Para isso, tomamos o curta<sup>7</sup>, **A peste da Janice**, como elemento cultural desencadeador de reflexões, indo ao encontro do pensamento de Larrosa (2002, p. 21):

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos.

Após a apresentação do curta iniciamos o debate instigando-os com algumas perguntas: O que esperava Janice? O que esperavam que acontecesse as colegas de turma? O que significa cada ação esperada?

De modo geral, as diferentes turmas (do 6º ao 9º ano) elaboraram uma reflexão requintada sobre os sentidos e significados do *bullying* expressos no curta. Nesse sentido, agrupamos as reflexões em dois grandes grupos: o que se refere à classe social e o outro que diz respeito às características de Janice.

7 A Peste da Janice. Gênero: Ficção; Subgênero: Drama, Infante-juvenil; Diretor: Rafael Figueiredo; Elenco: Fernanda Maurici, Gabriela Iablonovski, Juliana Borges Rocha, Micaela Rocha, Yarsin Tedesco. Duração: 15 min; Ano: 2007. Prêmios: Melhor direção no Festival de Gramado - Mostra Gaúcha em 2007; Melhor Fotografia no Festival de Gramado - Mostra Gaúcha em 2007; Melhor Montagem no Festival de Gramado - Mostra Gaúcha em 2007; Menção especial no Festival de Cine Iberoamericano de Huelva em 2007 Menção Honrosa ABD&C no Curta Cinema em 2007; Prêmio Porta Curtas no Curta Cinema em 2007.



Sobre o primeiro grupo, as turmas foram unânimes em destacar a condição social de Janice, ressaltando que sua mãe era faxineira na escola. E que se trata de uma escola elitizada, onde todas as alunas são brancas, sugerindo que todas as mães sejam estudadas ou que as mesmas não se dedicam aos afazeres domésticos, desqualificando essa profissão. Além disso, as marcas de um outro lugar social ocupado pela Janice também se evidenciavam pelo uniforme roto e grande que Janice usava.

No que diz respeito às características da Janice, apenas uma turma, a do 8º, percebeu que Janice era muito franzina em comparação às outras meninas. Configurando-lhe o aspecto de fragilidade física, realçado pelo constante ar de tristeza do seu semblante e de sua voz baixa e tímida.

Outro ponto marcante desta mediação foi a expectativa causada nos estudantes pelo não fechamento da cena final no curta metragem. Surpreendeu pela própria característica da arte que não existe para dar respostas prontas e sim de redesenhar as relações entre o intelectual e o perceptivo. Assim, “o importante, desde o ponto de vista da experiência, é como a leitura de kafka (ou qualquer outro) pode ajudar-me a pensar o que ainda não sei pensar, ou o que ainda não posso pensar, ou o que ainda não quero pensar”. (LARROSA, 2011, p. 11).

Demos continuidade à essa produção de sentidos, agora de modo coletivo, com a proposta de elaboração de um pensamento-compromisso frente ao *Bullying*. Os resultados foram surpreendentes, pois identificamos relações distintas, as quais organizamos separadamente, como é possível ver a seguir nos destaques que demos a algumas produções:

Com o teor de “recado” para os praticantes de *Bullying*:

“Faz Bullying porque não se garante!!!”  
“Ahhhhh... Mó vacilão.”  
“Bullying é para os FRACOS!!!”  
“Não faça com os outros o que não gostaria que fizessem com você! E se fosse com você?”  
“Só é brincadeira quando os dois lados se divertem!”  
“Não seja cruel!”  
“Dê seu exemplo, faça a diferença no MUNDO, combatendo o Bullying.”

Supostamente, de mensagens de apoio a quem sofre com o *Bullying*:

“Não aceite aquilo que te fere por dentro! #procureajuda”  
Não são apenas frases! Preocupe-se!!”  
“Chega de Bullying!! Não ao Bullying. Persista. Unidos vamos conseguir. Não desista. Nos ajude a ajudar você. Resista. Juntos somos mais fortes.”  
“Se você não está se sentindo bem, FALE!!!”  
“Não fique caladx!  
“Amizade é tudo!!!”

A organização das frases reafirma as características do *bullying*, que pode envolver os alunos de diferentes formas: vítimas, agressores, vítimas-agressoras e espectadores. De qualquer forma, o *bullying* acarreta graves problemas e, possivelmente, refletirão na vida adulta.

Notadamente, estamos lidando com um fenômeno complexo, tal como explicita Crochick (2019, p. 8) “deve-se estar atento ao fenômeno do *bullying* como uma forma de violência que não é explicável somente do ponto de vista individual ou familiar, e que seu incremento deve estar associado com mudanças sociais que o acarretam”. Diante disso, é importante que educadores e educandos estejam juntos para que possam compreender, problematizar, identificar e minimizar a manifestação da violência na escola e, conseqüentemente, na sociedade.

## Considerações finais

Ao longo do texto, apresentamos a densidade das experiências vividas pelos alunos do COLUNI, bem como pelos estudantes da FEUFF, participantes do projeto de Extensão – PROEX – **Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos**, consubstanciadas pela relação direta entre universidade e comunidade.

Tal envergadura diz respeito ao papel da universidade pública e gratuita, que tem como compromisso social e político a formação emancipadora. Fundamentalmente voltada à formação de um profissional cidadão comprometido com a produção do conhecimento científico e envolvido com a transformação e/ou tensionamento da realidade posta.

Essas características deixam marcas indeléveis nos processos formativos, seja por conta do reconhecimento da demanda da formação docente ser construída pela afirmação do conhecimento acadêmico entrelaçado com a escola, seja de mãos dadas com a escola e seus alunos em um processo de escuta e de sensibilização acerca dos desafios contemporâneos da sociedade: a violência, do *Bullying* e o preconceito.

Assim, de um lado, os estudantes da FEUFF, em território já conhecido pelas próprias experiências, enquanto alunos da educação básica, atribuem à escola novos sentidos e significados lapidados pelas relações tecidas entre teoria e prática. Do outro, os alunos do Colégio Universitário Geraldo Reis - COLUNI, se abrem a outras experiências, para além dos conteúdos escolares, possibilitando estabelecer conexões entre os conhecimentos com suas próprias vidas.

Nesta construção, destaca-se a potência da formação pelo encontro e no encontro, consigo mesmo e com o outro, mediada pela reflexão e autorreflexão, indo ao encontro da emblemática pergunta proferida por Adorno (2010) “Educação para quê?”.

## Agradecimentos:

Agradecemos a bolsa de fomento da Pró-Reitoria de Extensão – PROEX/UFF e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq pelo apoio à Pesquisa *Violência Escolar: Discriminação, Bullying e Responsabilidade*, a qual o projeto de extensão, *Observatório de Educação: violência, inclusão e direitos humanos*, está vinculado.

## Referências

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ADORNO, T. W. **Palavras e Sinais: Modelos Críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo, Cultrix, 1973.

COSTA, V. A.; LEME, E. S.; GUEDES, M. C. A narrativa como experiência na sociedade administrada: as possibilidades na formação do indivíduo. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 2, p.212 - 226, Maio/Agosto, 2017.

CROCHICK, J. L. Preconceito e bullying: marcas da regressão psíquica socialmente induzida. **Psicologia USP**, 2019, volume 30, e 190006.

CROCHICK, J. L. **Bullying, preconceito e desempenho escolar: uma nova perspectiva**. São Paulo: Benjamin Editorial, 2017.

CROCHICK, J. L.. Formas de violência escolar: preconceito e bullying. **Movimento**, 3, 29-56. doi: 10.22409/mov.v0i3.270, 2015.

CROCHICK, J. L. (Coordenador). **Preconceito e Educação Inclusiva**. Brasília: SDH/PR, 2011.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Rev. Bras. Educ.** 2002, N. 19, P. 20-28.

LARROSA, J. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro, uma parceria entre professor, aluno e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, pp. 46-69.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política**. DIFEL: Rio de Janeiro. 2002.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 29 de novembro de 2019.